

Collor vai buscar os votos do PDT no Sul do País e no Rio

por Claudio Kuck
de Brasília

A busca dos votos dados a Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro, foi a grande preocupação da reunião de mais de dez horas feita ontem em Brasília por Fernando Collor de Mello com seus assessores, coordenadores regionais da campanha e políticos ligados a ele. O ex-governador de Alagoas gostou da sugestão do senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) de começar a série de 10 grandes comícios programados para o segundo turno pelo Rio Grande do Sul, possivelmente no começo da próxima semana.

"Detectamos que a grande votação de Brizola no Sul foi fruto mais do regionalismo, do chamado "gauchismo", por isso vamos insistir na tese de que Collor é neto de gaúcho, com seu avô, Leopoldo Collor, pai da mãe do candidato, tendo sido, inclusive ministro do Trabalho de Getúlio Vargas", explica o deputado estadual de Alagoas, Cleto Falcão, um dos coordenadores da campanha. O PRN vai procurar mostrar que Luiz Inácio Lula da Silva, ao contrário, "é um nordestino, que virou torneiro-mecânico em São Paulo".

Chiarelli garante que já conseguiu praticamente o apoio do ex-deputado Nelson Marchezan, do PDS — ainda um líder importante no Sul —, comentando irônico: "Não se surpreendam, mas vamos ter agora uma boa parte do PDT gaúcho com a gente". O empresário brasileiro, Paulo Octávio Pereira, outro assessor da campanha, explica que uma tática para atrair os mais de 3 milhões de votos que Brizola obteve no Rio Grande, "será investir nos seus eleitores da área rural mais conservadores, que temem a política agrária do PT".

No Rio de Janeiro haverá na prática uma intervenção, com o deputado Ru-

bem Medina deixando a coordenação da campanha com Cleto Falcão, político que tem a confiança total de Collor. O objetivo é o mesmo, tentar conquistar votos brizolistas, que dificilmente comporiam com Medida, inimigo de Brizola, que inclusive deu a ele um apelido jocoso. A região da Baixada Fluminense com sua população carente deve ser bastante trabalhada.

O prefeito de Florianópolis, Espiridião Amin, participou da reunião e deve tentar reativar os canais de comunicação com o PDT, que já tinha aberto antes de decidir apoiar Collor de Mello. Em Brasília onde Lula venceu — haverá também trabalho especial, procurando-se situar o candidato do PRN como oposição ao presidente Sarney e tranquilizar o funcionalismo público, preocupado com a crítica sistemática aos chamados "marajás".

O deputado Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP) deve ser o coordenador da campanha no Sudeste, enquanto o senador Albano Franco (PMDB-SE) levou ao en-

contro a declaração de apoio do governador sergipano, Antônio Carlos Valadares. Ele anunciou também que ficou decidido que todas as adesões a Collor no País serão avaliadas antes pelas lideranças regionais, "que poderão vetá-las se não interessarem, sendo que os apoios serão sempre em função das bases".

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) adiantou também que tem recebido nos últimos dias, dezenas de telefonemas de empresários que não votaram em Collor no primeiro turno, prometendo apoio, "principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais". Entre os políticos que participaram das discussões estavam também os governadores Tarcisio Burity, da Paraíba, Amazonino Mendes, do Amazonas, e Siqueira Campos, de Tocantins, além do prefeito do Recife, Joaquim Francisco. Burity explicou que na Paraíba a abstenção foi grande (16%), "e trabalharemos para diminuí-la em favor do PRN, junto com outros estados nordestinos".

Já o presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores, Antônio Rogério Magri, saiu dizendo que vai convocar ainda nesta semana um encontro das lideranças da CGT, "para formalizar o apoio oficial da entidade e do sindicalismo a Fernando Collor". Ele disse que o líder metalúrgico, Luiz Antônio Medeiros, já está fazendo os contatos necessários.

O deputado Renan Calheiros (PRN-AL) esclareceu que toda estratégia a ser realizada no Sul e Rio, não exclui a busca de adesões de outros nomes da centro-esquerda, "não desistimos ainda de líderes expressivos do PSDB, dentro de nossa pregação social-democrata, não apenas no sentido eleitoral, mas para a formação do futuro governo, em torno de alianças não com partidos, mas com nomes e o povo".

No próximo sábado, Fernando Collor de Mello vai participar de uma missa rezada por Frei Damião em Maceió, para pagar uma promessa feita ainda durante a campanha no primeiro turno.